

Revista da Freguesia de Touro

# burrel

SEMESTRAL  
FEVEREIRO 2025  
Nº8



**to**  
**ro**  
FREGUESIA

# Casa Pública 03 / Boa Sorte 04 / Tecelagem 14, 16, 22, 24 / Fiador 28 / Herança 36 / Tear da Memória 38, 40.

## Alfaiates

### **Direção:**

Mário Jorge Morgado

### **Design:**

Ana Cristina Fernandes / newww.pt

### **Fotografia:**

Outro Olhar Fotografia

João Cosme

João Morgado

### **Edição e Textos:**

Amadeu Araújo

### **Impressão:**

Gráfica Diário do Minho

Burel, revista semestral, editada e produzida pela  
Junta de Freguesia de Touro.

Número 8, Fevereiro de 2025  
DISTRIBUIÇÃO GRATUITA

## Casa Pública

# Ver e Viver!

À ponte, que continua a emoldurar a paisagem da Freguesia, juntam-se igrejas, casas, escolas, fontanários, o forno comunitário, as ruas, o rio, cascatas, árvores. Tudo isto é o Touro, agora com uma nova imagem, “Ver e Viver”.

A mudança de identidade não é de somenos, continuamos em movimento, mas há que acrescentar novas características: “Gastronomia e Saberes, Natureza e Desporto, História e Património, Cultura e Tradições.

Ver o Touro, Viver no Touro.

Temos muitos que chegam para nos verem e que daqui partiram. A emigração é uma característica nossa, muitos emigrantes regressam no Verão, outros dividem a vida “entre cá e lá”.

É incontestável que a geografia tourense não foi a mesma, ida e vinda, dos emigrantes que demandaram outras terras. França, Brasil, Alemanha, Holanda.

Contribuíram para o nosso progresso, vidas roubadas ao tempo e resgatadas à memória, nesta edição.

Famílias, amigos, grupos, etapas de viagem que seguiam os mesmos destinos e que beneficiaram da solidariedade do lado de cá e de lá.

A emigração é, desde sempre, constante estrutural da nossa história. Viver e trabalhar, lá fora e enviar as “remessas”, que tanto ajudam, famílias e economia local.

Hoje, o Touro também recebe imigração, acolhemos e ajudamos.

Bem sabemos, “já são poucos” os emigrantes que regressam. Dividem a vida, com a família que ficou nos países de destino.

Mas também há o apelo da Terra, que os chama a ficarem, a regressarem, para além do salto.

Uma nova realidade, uma dobra geracional de emigrantes, de ir e ficar, de ir e vir, de temporadas.

Realidade de quem volta, aqui investe. E são esses a que deitamos olhar, nessa atitude de que somos sempre um todo, onde quer que estejamos.

A diáspora, estes anos em que o número de emigrantes não parar de aumentar, faz parte da nossa pertença.

E nisto retomo o Ver e Viver. Esse desafio a que venham conhecer estas terras, estas gentes, estes modos de vida. Ou que venham viver, regressados ou chegados.

Os novos tempos exigem confiança, é para esses que trabalhamos, rasgados os horizontes, há que cuidar do futuro, prevenir a exclusão social dos imigrantes.

Migrar é expressão da aspiração intrínseca à felicidade, própria de cada ser humano, felicidade que deve ser procurada e vivida.

Sem a imigração seríamos menos, mais pobres e mais velhos. Hoje, além de recebermos os que daqui saíram e aqui voltam, cabe-nos acolher os que aqui chegam para trabalhar.

Somos uma comunidade onde o direito a poder emigrar sempre foi respeitado.

Saibamos honrar quem tanto nos deu e dá.

Eu vejo e vivo a nossa terra! — **(b)**

**Mário Jorge Morgado**

# Cantar da emigração

Texto: Amadeu Araújo



É das minhas memórias mais antigas e o letreiro verde diz logo ao que vimos.

“O Holandês” foi porta que a Fátima e o Jorge me franquearam. Com direito a descer ao altar, a conhecer o museu acarinhado entre o granito e a ver tudo. Memórias, garrafas, histórias. E longas noites ali sentado, a destilar conversas. Ou cá fora, espriado na cadeira, a ver passantes. Ou mesmo na mesa, a aconchegar a barriga, na salamandra a aquecer ditames, seja onde for. “O Holandês” preenche o Touro, aldeia de pessoas justas e cosmopolitas, das que abalam a ver mundo. Ou chegam para ver mundo.

Hoje “O Holandês” é brasileiro, e daí o cantar do Adriano Correia de Oliveira. Muitos partem, outros foram e ficaram, alguns voltam para as férias, há os que chegam de novo a esse mundo de andanças e contradanças.

A emigração, e agora a imigração, sejamos práticos, o ir e vir tem agora nova leitura, sem deixarem de ser fenômenos migratórios.

São desafios e oportunidades, mobilidade humana no mundo contemporâneo, esse acolher e tratar o outro com a mesma simpatia, partilha de perspectivas. Sociologia que obriga a repensar a nossa raiz.

O Touro continua hoje esse bonito espaço, bucólico, onde o progresso e o desenvolvimento, que outrora empurraram à debandada e hoje convocam à chegada.

## Os franceses

Encostados ao balcão do café, estão três franceses, que saúdam um terceiro que chega. Histórias, sotaques e cuidado na escrita.

Estão todos em Bourg-Saint-Andéol, ou nos arredores desta “commune no Département de Ardèche, no Rhône Valley, no sul de França, quase no Mediterrâneo”, explica Alberto Soares Morais, 61 anos.

No Touro “não havia trabalho, abalei para França com um contrato de oito meses, para trabalhar na colheita de tomate e outra fruta”. A adaptação foi “fácil, havia muitos portugueses”. Já o francês “foi aprendido nos cafés”.

## Boa Sorte

Ao lado, Augusto Morais Miguel, com 53 anos e 3 filhas, solta um “ah bonne”, um quase bom, de quem diz, “que remédio, frutas e obras”. A emigração levou-os. Jorge Caldeira Pinto à “apanha da fruta, postes telecomunicações e hoje na vinha. Os filhos ainda lá estão”. E ele também.

“Para um bom futuro no amanhã”, desabafa Jorge Pinto, expatriado além Pirenéus.

Mário Marinheiro Salvador, 1 filho e 1 neto, é o último a chegar. Aposentado, avançou para França “para ganhar mais dinheiro”. Começou na “fruta”, instalou-se e “os primeiros tempos foram difíceis, sozinho, sem falar a língua”. Acabou por casar com uma francesa, vive naquele país o ano inteiro e, “como tantos”, foi “levando algumas pessoas”. Começou pelo primo e assim mais uma vida se faz além Pirenéus.

Assim funciona a emigração, em função das sinergias locais, do interesse em ter uma vida melhor, um futuro mais risonho.

### Os alemães:

Os alemães enchem um café. E já vão na segunda geração.

Fernando Santos, 2 filhos, está em Bremen, há 34 anos.

O começo “foi duro, numa geladaria, só mais tarde comprei o meu próprio negócio de gelados, a um amigo”. Para trabalhar levou “muita gente, contratada no Touro e em Vila Nova de Paiva”.

Os filhos “nasceram cá, mas estão lá fora sem seguir a herança paterna”, admite Fernando.

Uns e outros, são todos unânimes. “As geladarias levaram muitos paivenses para a Alemanha, nos primeiros tempos a trabalhar para os italianos que depois passaram o negócio aos portugueses. Que não o deixaram escapar e ainda hoje o mantêm em mãos portuguesas”, explica Mário Pereira, de 48 anos e dois filhos. Mário trabalhou, “com a mulher Graciete, 12 anos numa geladaria alugada”. Há 17 anos tornou-se “proprietário do negócio e agora regressar é mais complicado”. “Os filhos estão a estudar e vamos ver o que reserva a vida”.

Conta Mário Pereira que “no Touro haverá 30 a 40 proprietários com geladarias na Alemanha e todos com empregados portugueses”.

Uma geografia humana e cultural, que também trouxe outros imigrantes até ao Touro.



**“Touro, aldeia de pessoas justas e cosmopolitas, das que abalam a ver mundo. Ou chegam para ver mundo.”**



### **Os suíços:**

A emigração para a Suíça também é forte, tal como para França e Alemanha.

É lá que está Sebastião Paiva, de 52 anos e dois filhos, “casou”, vive em Payerne, na Suíça, onde começou a “trabalhar na empresa de construção civil do tio”. Os primeiros anos, “sozinho, foram duros”.

### **E os que vieram:**

Sérgio Gomes, com 35 anos e dois filhos, regressou de Bourg-Saint-Andéol, em França, em julho.

Formado em eletrotecnia, “ainda tive um trabalho em França nesta área, mas fiquei no país a trabalhar no setor do vinho”.

Regressou ao fim de 14 anos. Reuniu “a poupança e veio investir”. A esposa também é formada, o casal seguiu a família e são hoje a terceira geração no negócio da avicultura.

No Touro têm 40 mil “cabeças de carne” e preparam “uma plantação de castanheiros”. Mais complicada é “a vaga na creche, temos que nos preparar para os que estão cá e os que vêm”, constata.

Tem “um nível de vida equivalente ao de França, mas os serviços públicos são mais complicados”. Certeza a de que “a qualidade de vida é melhor, monetariamente já se equilibra”.

Se as idas despiram de pessoas o mundo rural, hoje o Touro é ponto de encontro de culturas e andantes.

Emigração que vai para a agricultura, de carácter sazonal. Outros que vão e ficam. Alguns que não tencionam voltar.

Tal como antes, quando as minas fizeram crescer a população. Ou nos anos 60 do século XX, quando guerra e miséria ordenaram a demanda de uma vida melhor.

E regressam todos. Nas festas santas, no Entrudo, na Feira do Fumeiro. Porque há saudade.

E agora a chegada de outros mundos, mais distantes, braços para trabalhar, melhorar demografia e economia.

São estes que agora chegam que estão a valorizar o património, a investir, a sustentar atividade económica.

Essa geografia humana e cultural, “sentimental” diria Mestre Aquilino, que prefere a primazia do lugar onde vive, à origem.

## “Saibamos nós ver as vantagens dos que vão e dos que chegam.”

Viajantes dessa diáspora, autores da sua própria história, estar, regressar. Ir e partir.

Afastadores desses constrangimentos à fixação da população.

Adaptação, que traz novos modos de “ver e viver” o Touro. É sentarmo-nos num café, à beira Covo, ouvir e sentir.

Mobilidade de pessoas, mercadorias, capitais e ideias, que parece ser receita para manter esse “cantar da emigração” com outras cores e alegrias. “Este parte, aquele parte”, sim, mas outros chegam.

Os brasileiros já foram, agora começam a chegar. Não que o Brasil tenha sido destino privilegiado da emigração das gentes do Touro, alguns por lá andaram, contudo, o rural reinventa-se e ei-los que chegam, para nos fazer pensar no alcance das políticas públicas, trazer novos mundos e ajudar a quebrar a sangria demográfica.

Letícia Stachon é brasileira, tem 30 anos, e quando chegou ao Touro, vinda de Santa Catarina, “já a mãe cá estava”. Veio visitar a mãe, gostou “da união da freguesia e já não partiu. Trabalha na agricultura.

Heloísa Bobato, de 20 anos, veio “junto com a amiga, para adaptar, conhecer pessoas”. Não tem ainda trabalho, mas ganha o sustento na “colheita das cerejas, maçãs e até na embalagem”.

Heloísa sabe que o Touro é “uma zona rural”, e quer “ficar dois anos nas Terras do Demo”. Já a integração “foi facilitada” pelos conhecimentos que a mãe da amiga foi aprendendo”.

No Touro há ainda uma comunidade, mais fechada, de 30 hindustânicos que trabalham na avicultura. Pouco se vêm na rua, praticam uma vida de trabalho e casa.

Saibamos nós ver as vantagens dos que vão e dos que chegam.

A terra onde se está é o refúgio, de onde se parte para o santuário, o local de onde viemos. — (b)



# O Tio João Morgado, o Primeiro Orfeonista

Texto: Pe. Justino Lopes

**Ele, o tio Magalhães, o tio Manel Lino, o tio Manel alfaiate o tio João Cristina, o tio Manuel Pedro, o tio Augusto Pires, etc., mais de cinquenta rapazes, foram os primeiros orfeonistas.**

A sua personalidade inculca respeito como presidente do Orfeão quando eu e outros, ainda na escola primária, fomos admitidos.

Na década de cinquenta, alguns e bons orfeonistas emigraram para o Brasil outros foram para a tropa, ficando o grupo muito desfalcado e o tio João permitiu a entrada dalguns rapazitos.

Como nasceu o Orfeão?

“Em 1936, o seminarista Alberto Cosme do Amaral fala com o Mário Morais que, em Lamego, quando pisava o palco do Teatro Ribeiro da Conceição, abarrotava para ouvirem a sua linda voz de tenor, e expõe-lhe o caso de haver tantos jovens sem ocupação nas longas noites de inverno. Resolveram fundar o Orfeão do Touro. O Alberto encarregava-se da formação humana e moral e o Mário ficava responsável pela parte musical. Que paciência e persistência a ensinar aqueles jovens, alguns analfabetos, a cantar de cor e a vozes, a Missa e o Te Deum, em latim, que se cantava no último dia do ano e nas Missas Novas dos Padres da região! E o Coral polifónico e o grupo teatral com que brindavam o povo nas férias do Natal!” (Justino Lopes in ‘Estrelas no meu Caminho’, pág.21).

Dizia o tio João que, às vezes, o P. Mário, já cansado de tanto ensinar e sem grande resultado, batia com as mãos nas próprias orelhas, e dizia - “ai, ai, valha-nos Deus!”.

“O seu repertório polifónico, muito vasto e variado, era muito apreciado e aplaudido e fez-se ouvir umas boas dezenas de léguas em redor. Muitos lhe chamavam os ‘Rouxinóis do Paiva’ cujas vozes deliciavam os ouvintes.

Além do canto polifónico cultivavam também a arte de fazer rir, o Teatro. São célebres os Saraus Artístico/Musicais como são célebres e deixaram saudades as festas aniversárias da sua fundação que tinham lugar na primeira semana de Janeiro” P. Clara Ângelo in Luz na Montanha’ 1996).

Nas semanas do Natal e Ano Novo apresentavam dois grandes saraus com peças teatrais, musicais e danças folclóricas. No dia de Reis, cantavam as Boas-Festas, de porta em porta, cujo produto cozinhavam para comemorar a sua festa aniversária.

Ao pedido do P. Duarte, pároco de Tarouca, deslocaram-se aquela vila para solenizarem a Eucaristia e apresentarem o seu repertório. Testemunha o P. Martins: “Não se apagou da memória aquela festa levada a efeito na vila de Tarouca, com o apoio do Pároco, P. Duarte” (Martins Teixeira in Luz na Montanha’ Novembro de 1996).

Também foram cantar à Festa dos Remédios. Escreveu o Cônego Clara, “recordo com saudade o passeio a Lamego, pelas Festas dos Remédios. Era eu, nessa altura, presidente do Orfeão. Chegamos a Lamego, formados em quatro, bandeira à frente, irrompemos cantando pela rua Cardoso Avelino acima... Toda a gente vinha à janela ver e admirar o grupo que passava cantando sem respeito humanos... Junto da noitinha dava-se uma serenata em um dos largos do escadório dos Remédios. E, quantos episódios, podia contar!” (Clara Ângelo in L. na M. Setembro de 1996).

Na década de cinquenta, houve uma grande avalanche de emigração para o Brasil e o Orfeão ficou muito desfalcado. Disse o P. Martins Teixeira:



–“Pena foi que a partir dos anos 50, muitos deles tenham emigrado para o Brasil e que outros não tivessem substituído os que ausentaram, continuando com o mesmo entusiasmo.

Verifiquei o grande número de elementos do Orfeão emigrados para o Rio de Janeiro, quando em 20 de Julho de 1970, num restaurante da Tijuca, consegui formar um grupo musical com o qual foi possível cantar músicas polifónicas como “Jovens do Touro”, “Casinha de Pobre”, “Sino das Ermidinhas”, “Toadas do Povo”, etc. (Martins Teixeira in Luz na Montanha”, Nov. 1996).

O tio João casou já entradote e passou a batuta para o tio Sebastião Canhoto que acompanhou a morte lenta do Orfeão e fez-lhe o funeral sem pompa e sem carpideiras.

A propósito, onde param a Bandeira verde e branca, do Orfeão e um quadro com o seu emblema, bordado pelas meninas que frequentaram um Curso de Costura e Bordados e, até, foi apresentado na exposição final? E o livro das Actas onde vai contando os principais acontecimentos?

O tio João Morgado era “considerado com uma certa referência na paróquia” e foi, durante muitos anos, o Secretário do Apostolado da Oração.

Todos os primeiros domingos do mês, no fim da Missa, depois da meditação feita pelo senhor Abade, fazia a chamada dos zeladores/as e marcava as presenças. Escreveu o senhor Cônego Clara:

- “Ainda o estou a ver com o livro de Actas das reuniões do Apostolado da Oração, de que ele era Secretário, e que, naquela altura, se faziam no meio de toda a gente, fazer de voz alta a chamada de todos os zeladores”!...

Também foi o correspondente do Jornal Diocesano, “A Voz de Lamego”:

“Ainda me lembro das pequenas notícias que dava da paróquia à Voz de Lamego de que naquela altura era correspondente. (Clara Ângelo in, L. na Montanha, Dez. de 1998).

O tio João morreu em fins de Outubro de 1998.

Agora, junto do trono de Deus, canta, com os Anjos e Santos, as Glórias do Senhor. — (b)

# Touro em Movimento: Entre a emigração, a imigração e o desafio da habitação

**Texto:** Luís Mendes, geógrafo, CEG/IGOT-ULisboa

**Nos últimos 50 anos, a freguesia de Touro, em Vila Nova de Paiva, tem enfrentado uma tendência de declínio demográfico, reflectindo padrões comuns em áreas rurais de Portugal. Em 1970, a população era de cerca de 1.515 habitantes, mas em 2021 havia diminuído para 819. Esse declínio resulta de factores como o envelhecimento populacional, baixa taxa de natalidade e emigração para áreas urbanas ou para o exterior e é típico de territórios de baixa densidade.**

A estrutura etária também mudou significativamente. Enquanto em 2001 o grupo etário acima dos 65 anos representava 19%, em 2021 essa faixa subiu para mais de 34%, demonstrando o envelhecimento da população. Paralelamente, os grupos mais jovens diminuíram drasticamente, com a população de 0-14 anos a reduzir-se em mais de 50% durante este período. Essas mudanças reforçam os desafios demográficos da freguesia e da região, como a diminuição da força de trabalho local e a necessidade de políticas que incentivem a fixação de jovens e famílias na área.

A imigração para a freguesia de Touro tem sido limitada e não tem compensado o declínio populacional causado pelo envelhecimento e pela emigração. Dados gerais sobre demografia rural em Portugal sugerem que algumas áreas têm atraído migrantes, especialmente de países africanos ou do Leste Europeu, mas não há indicações claras de que este seja um fenómeno significativo em Touro especificamente. O contexto local aponta para uma população em

redução contínua, com pouca renovação demográfica através de imigração.

A situação habitacional na freguesia de Touro, em Vila Nova de Paiva, reflecte características comuns a outros lugares e regiões rurais em Portugal. A maior parte das habitações são de propriedade ocupada, sendo raros os casos de habitação arrendada, com apenas duas unidades habitacionais nesta condição entre 323 residências habituais. A freguesia conta com um número considerável de casas espaçosas, embora algumas sejam pequenas, com uma ou duas divisões, o que pode sinalizar precariedade habitacional em casos pontuais.

A construção de novas habitações ou a reabilitação de imóveis existentes poderia atrair mais residentes, especialmente jovens ou famílias que procuram melhores condições. Contudo, a fixação de população depende também de outros factores, tais como: oportunidades de emprego e acesso a serviços públicos, que precisam de ser reforçados para reverter a tendência de despovoamento que afecta o município.

**“A habitação pode ser usada como base para projectos que revitalizem o tecido social, como cooperativas habitacionais, espaços comunitários em edifícios recuperados e incentivos para a fixação de famílias intergeracionais.”**

A precariedade habitacional, embora não aparente em larga escala, deve ser monitorizada, especialmente no contexto de envelhecimento populacional e baixo dinamismo demográfico da freguesia. Políticas habitacionais integradas com incentivos à imigração e desenvolvimento local podem ser estratégicas para revitalizar a área. Podem desempenhar um papel crucial na revitalização da freguesia de Touro ao abordar simultaneamente a oferta habitacional, o envelhecimento populacional e o despovoamento. Essas políticas podem incluir:

- **Incentivar a recuperação de imóveis degradados para criar condições modernas e acessíveis**, atraindo jovens famílias e profissionais. Isso pode ser combinado com apoios financeiros, como isenção de taxas municipais ou subsídios para reabilitação;

- **Construir habitações com custos reduzidos**, especialmente direccionadas a jovens casais, trabalhadores de sectores essenciais e migrantes, estimulando a fixação de população activa e combatendo o despovoamento;


- **Desenvolver programas que incentivem a imigração para Touro**, especialmente de populações estrangeiras dispostas a residir em áreas rurais. Isso pode incluir formação profissional, apoio linguístico e integração cultural, além de ligação com ofertas de emprego local;

- **As políticas habitacionais devem estar alinhadas com esforços de desenvolvimento económico**, como o estímulo ao turismo rural, agricultura sustentável e microempresas, para assegurar que os novos moradores tenham oportunidades económicas;

- **A habitação pode ser usada como base para projectos que revitalizem o tecido social**, como cooperativas habitacionais, espaços comunitários em edifícios recuperados e incentivos para a fixação de famílias intergeracionais;

- **Envolver empresas locais, instituições financeiras e ONGs no financiamento e execução de projectos habitacionais e comunitários**, vão garantir uma abordagem sustentável e inclusiva.

Ao integrar essas políticas com acções de desenvolvimento local, como melhoria de infraestruturas, serviços de saúde e educação, e aumento da conectividade digital, Touro pode tornar-se mais atractiva para residentes permanentes e temporários. Essa abordagem contribuiria para revitalizar a economia local, melhorar a qualidade de vida e garantir a sustentabilidade social, demográfica e geracional da freguesia a longo prazo.— (b)



**“A aldeia lusitana não evoluiu da mesma  
escala em que evoluiu, por exemplo,  
na Inglaterra ou França. Nestes países  
o habitante, penetrado da *joie de vivre*,  
ao passo que se mantinha no apego do eido  
natal, da comuna, da província, acusava  
um evidente progresso de geração  
em geração pelo que respeita a conforto  
e alindamento da casa, melhoria  
económica, amplitude da vida  
das relações”**

AQUILINO RIBEIRO

*in* Aldeia: Terra, Gente e Bichos

# Um novo olhar sobre as Comunidades Portuguesas

Texto: Paulo Pisco

**A presença portuguesa no mundo precisa de uma abordagem completamente diferente por parte de toda a sociedade, de uma mudança de paradigma, a começar por ser olhada não como os “emigrantes”, mas como portugueses iguais. Isto significa que terão de ter a mesma prioridade no que respeita às políticas públicas que têm outras áreas de governação, sem que a distância e a ausência possa ser um obstáculo para que esse objetivo se concretize.**

A presença portuguesa no mundo precisa de uma abordagem completamente diferente por parte de toda a sociedade, de uma mudança de paradigma, a começar por ser olhada não como os “emigrantes”, mas como portugueses iguais. Isto significa que terão de ter a mesma prioridade no que respeita às políticas públicas que têm outras áreas de governação, sem que a distância e a ausência possa ser um obstáculo para que esse objetivo se concretize.

A sua especificidade é não viverem fiscalmente no país, mesmo que sejam os ausentes mais presentes da nossa vida coletiva. Estão presentes pela forma como mantêm a ligação ao país e pelas expectativas que isso gera, pela necessidade de reconhecimento dos seus percursos de vida, pelas segundas e terceiras gerações que muitas vezes sentem o apelo das origens, mesmo que não falem português.

É neste contexto que devem ser procuradas formas inovadoras do país se relacionar com a sua diáspora, com um novo olhar sobre a diversidade de ocupações dos lusodescendentes, dos empresários que desejam investir, do potencial que representam os eleitos de origem portuguesa, de todos aqueles que desenvolvem a sua atividade no domínio da arte e da cultura, na colaboração em muitos domínios de atividade.

Há, portanto, duas dimensões da relação de Portugal com a diáspora, uma interna e outra externa. É preciso respeitar o apego e o patriotismo que os portugueses têm às suas origens e a vontade de darem o seu contributo ao país, ultrapassando preconceitos que ainda existem. Assim, a nível da administração pública é necessário que haja serviços que lhes sejam dedicados. E são muitos, relacionados particularmente com o seu património, fiscalidade, questões de registo civil, regresso, ensino para os filhos. Há aqui também uma dimensão local muito forte, pelo que estes polos dedicados da administração pública deveriam ter uma distribuição regional, com uma ligação direta e em cooperação com as câmaras municipais do distrito.

De resto, seria fundamental que os municípios portugueses, a grande maioria com elevadas percentagens da sua população emigrada, sobretudo na região centro e norte do país, adotasse igualmente programas e medidas que lhes permitissem fortalecer a ligação com os concidadãos que estão no estrangeiro, o que constituiria uma dimensão muito relevante da sua dinamização, como de resto em alguns casos já acontece.

Além disso, todo o país se devia empenhar em fazer tudo para que um português que resida no estrangeiro nunca se sentisse estrangeiro no seu próprio país, o que, infelizmente, ainda acontece.

**“a afirmação de Portugal (...) pela projeção da sua imagem de povo com história, cultura, identidade e valores do humanismo e universalismo, que tanto nos caracterizam.”**



Quanto à dimensão externa, além da necessidade de continuar a dar respostas aos pilares tradicionais das comunidades, como o ensino de português do básico à universidade, do atendimento consular, do associativismo, mas com mais investimento e mais criatividade para dar uma resposta de maior qualidade às necessidades que enfrentam, é preciso olhar para todas as dimensões da presença portuguesa no mundo. Pela simples razão de ser necessário respeitar uma dimensão afetiva que tem a ver com a história da emigração, desde logo, mas também para a afirmação de Portugal a nível nacional e internacional, pelo extraordinário contributo económico e diplomático que representa, por um lado e, por outro, pela projeção da sua imagem de povo com história, cultura, identidade e valores do humanismo e universalismo, que tanto nos caracterizam.

E é claro que tudo isto precisa depois de se materializar em propostas e iniciativas concretas que vão ao encontro das necessidades e expectativas das comunidades portuguesas, reconhecendo o seu valor e potencial, com um olhar que não esteja apenas refém de uma secretaria de Estado das Comunidades Portuguesas, mas que seja transversal a todas as áreas de governação. Algo que o atual governo está longe de ter capacidade para concretizar, mas que é absolutamente necessário para que a coesão nacional e todo o potencial do país se possa realizar, integrando nesse desígnio a diáspora portuguesa. — (b)

**Nota:** foi pedido idêntico comentário ao SECP, que não foi enviado

# A emigração

**Texto:** Pe. Justino Lopes

**“Para nascer, Portugal; para morrer, o mundo. (...). Por isso nos deu Deus tão pouca terra para o nascimento, e tantas para a sepultura. Para nascer, pouca terra; para morrer, toda a terra”, assim pregou o Padre António Vieira.**

A partir das descobertas de novos mundos, século XVI, desencadeou-se tal fluxo emigratório que, em Portugal, ficou, apenas, um milhão de habitantes, a maior parte idosa e sem braços para trabalhar, dando motivo aos queixumes do “Velho do Restelo”:

- “(..) Ó vã cobiça, desta vaidade a quem çhamamos fama!

Ó fraudulento gosto que se atiaça

C’uma aura popular, que honra se chama!

(...) Que mortes, que perigos, que tormentas.

Que crueldades, neles, experimentas!” (Camões, in Lusíadas, canto IV, estrofes 94 -104).

O português tem, no sangue, algo do ADN errante das tribos que por aqui pousaram. O português é, por natureza, aventureiro, percorre mundos, adapta-se em qualquer ambiente, aceita qualquer trabalho que dê dinheiro e, porque não é racista, constrói família sem olhar à raça ou à cor da pele. Foi e é um exemplo da miscigenação.

**Touro, “A terra dos adeuses”:**

1º- BRASIL, A ÁRVORE DAS PATACAS.

O Brasil, sempre, foi o Eldorado para milhares de portugueses, sobretudo, a partir do século XVIII com a descoberta da prata e do ouro, gerando a ideia de existir, lá, a árvore das patacas. Era só abaná-la.

Com o fim da escravatura e o desenvolvimento das terras brasileiras o fluxo migratório aumentou e prolongou-se até à década de cinquenta/sessenta do século passado.

A gente das nossas Terras começou a demandar, para o Brasil, em grupos numerosos, no final do século XIX. Alguns regressaram mas a maioria ficou e, ou mandou ir a família ou constituiu por lá, outra deixando as suas mulheres casadas mas sem marido, as chamadas “viúvas brancas”.

Tornaram-se famosos os “torna-viagens”, gente que fez fortuna, regressou e, uma vez na sua Terra, restaurou ou construiu uma casa apalaçada, promoveu uma festa, uma associação ou até chefiou uma autarquia para exibir riqueza e blasonar-se dos mundos percorridos. Temos, em Barrelas, o exemplo da “casa do brasileiro” de Manuel Rocha Lima que fundou uma banda musical acabando com ela poucos anos depois, assumiu a Presidência da Câmara e promoveu a criação da Associação dos Bombeiros que durou até 1956.

**2º O CALVÁRIO FRANCÊS.**

**“Ei-los que partem**

**Novos e velhos**

**Buscar a sorte**

**Noutras paragens**

**Noutras aragens**

**Entre outros povos**

**Ei-los que partem**

**Velhos e novos.**

**Ei-los que partem**

**Olhos molhados**

**Coração triste**

**A saca às costas**

**Esperança em riste**

**Sonhos doirados**

**Ei-los que partem**

**Olhos molhados.**

**Virão um dia**

**Ricos ou não**

**Contando histórias**

**De lá de longe**

**Onde o suor**

**Se fez em pão**

**Virão um dia**

**Ricos ou não**

**Virão um dia**

**... Ou não”**

(Manuel Freire)

A segunda Grande Guerra, 1939/1945, deixou a Europa destruída e a maioria dos homens mortos ou inutilizados. Precisava de ser reconstruída mas faltava dinheiro e mão-de-obra. O Secretário de Estado norte americano, George Marshall, em 1947, propõe um plano de recuperação - Plano Marshall - e de ajuda económica aos países da Europa Ocidental que foi aceite.

A reconstrução abriu as suas fronteiras a quem quisesse trabalhar. Os países pobres do sul europeu acorreram aos milhares. O governo português temia a influência do espírito de liberdade e da democracia dos povos de acolhimento e, pretextando a necessidade de homens para a guerra colonial, impedia a saída para a Europa. Ainda vieram umas contratas para trabalhos agrícolas, mas os autarcas distribuíam-nas a poucos, e só, aos amigos.

A gente pobre e os jovens ao verem o seu futuro sem horizontes por causa da guerra africana e sem passaporte, entregavam-se a passadores portugueses e espanhóis, alguns sem escrúpulos. E, quando não eram apanhados pela polícia fronteiriça, lá chegavam a França depois duma via-sacra mais dolorosa para uns do que para outros. Os três anos que fui voluntário na Cadeia de Lamego, encontrei, por lá, homens apanhados pela polícia. Pediam-nos, a chorar, para comunicar aos pais ou às esposas onde e como se encontravam. E quando, em 1971, andava em Paris participei numa reunião com dezenas e dezenas de jovens que tinham ido de assalto e não podiam visitar a família com receio de serem incorporados para a guerra.

Ao serem despejados em França, encontravam a barreira da língua, de casa para dormir e a procura de trabalho. Quando, há anos, um grupo de padres franceses celebrou a Missa em Vila Nova de Paiva, o tio João Garrano e outros, abeirou-se dum padre, abraçou-o emocionado: - “foi o senhor quem nos valeu, deu-nos dormida na sacristia durante uma semana e, ainda foi connosco procurar trabalho. “Não foi só consigo, os cómodos das paróquias serviram de agasalho a centenas, se não milhares, de portugueses. Pedíamos a quem precisasse de trabalhadores que viessem falar connosco”, respondeu o padre.

E continua, “pagamos dez contos de reis, cada um, naquele tempo era muito dinheiro, ao Luís Pires do Touro. Uma carrinha veio buscar-nos e foi apanhando outros pelo caminho. Na fronteira, já éramos 70 ou 80. Do lado de lá da fronteira, uns camiões cobertos com lona transportou-nos, como se fôssemos gado, e despejaram-nos no cemitério

**“(..)foi o senhor quem nos valeu, deu-nos dormida na sacristia durante uma semana e, ainda foi connosco procurar trabalho. ”**

de Salamanca onde passamos a noite. De madrugada, novamente, nos camiões e fomos despejados numas aldeias de França. Saíam, já chegaram, agora, governem-se e deem notícias. Fomos bater à igreja que nos ajudou”. Esta é a história dum que foi de ‘assalto’. E um nosso conterrâneo que, com outros, ficaram esquecidos, numa corte espanhola, quase uma semana? Valeu-lhes uma velhita que enviou uma carta para os familiares a narrar o sucedido. Tantas histórias semelhantes ou piores.

Também havia “a carreira dos cadáveres”, aqueles que partiam e não chegavam a França nem voltavam para Portugal, porque, na travessia dos Pireneus ou cansavam ou mancavam ou adoeciam e ficavam a dar comida aos lobos e aos ursos, não se sabia o fim. Muitas vezes os jornais traziam notícias como estas: “Trinta emigrantes clandestinos foram detidos em Espanha” ou “Um jovem de Viseu apareceu morto na fronteira francesa quando fugia com três companheiros”. Falta fazer a história, ainda, mais trágica da emigração.

O Padre Donato, abade da Queiriga, fundou um Boletim Paroquial para levar notícias aos emigrantes, visitava-os levando-lhes mensagens gravadas da família e trazendo dos emigrados.

Tudo isto deu assunto para a dra Maria Beatriz da Rocha Trindade apresentar a Tese de Doutoramento com o Título “LES IMIGRÉS” com o subtítulo “Observações Psicossociológica dum grupo de Portugueses nos Arredores de Paris – Orsay”.

Entre 1967 e 1971, cerca de duas mil e duzentas famílias emigravam, mensalmente, para França.

Com a Revolução de Abril, abriram-se as portas da emigração a todos os países europeus. E é Vê-los quando vêm de férias, contente e endinheirados.

Deus os guarde e abençoe. — (b)

**A gente pobre e os jovens ao verem  
o seu futuro sem horizontes por causa  
da guerra africana e sem passaporte,  
entregavam-se a passadores  
portugueses e espanhóis,  
lá chegavam a França depois duma  
via-sacra mais dolorosa para uns  
do que para outros.**



Paula Santos é doutorada em História, pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto. Investigadora sobre emigração, numa perspetiva histórica durante o século XX, essencialmente no que se refere ao Brasil. Professora da Escola Superior de Tecnologia e Gestão de Lamego, tem diversas publicações e vários livros que abordam a temática da emigração.

Paula Santos

## “Nós já vivemos numa aldeia global há muito tempo.”

**A emigração é um volfrâmio nas Terras do Demo. Os “brasileiros”, já referidos por Aquilino podem ser considerados o começo das sucessivas levas de emigrantes em direção ao Brasil ao longo dos séculos XIX e XX?**

Todo o interior do nosso país tem enfrentado o desafio da emigração há vários séculos. Num território onde as oportunidades de melhoria de vida escasseavam, várias foram as gerações que olharam para a emigração com a única solução para si e para as suas famílias. E, de facto, o Brasil foi, desde o séc. XIX, um dos destinos de eleição. Tal situação resulta, não só de questões linguísticas, por partilharmos o mesmo idioma, mas também porque até cerca de meados do séc. XX a comunidade portuguesa era das mais bem-recebidas nesse país, sendo os portugueses reconhecidos como trabalhadores empenhados e dedicados.

Este fluxo apenas começou a diminuir a partir de meados da década de 1930, com a adoção de uma legislação mais restritiva por parte do governo de Getúlio Vargas em relação à entrada de novas vagas de migrantes no país (a “Lei dos dois terços” e a “Lei da nacionalidade”); e conduzido à quase completa dissipação com a eclosão da II Guerra

Mundial. Todavia, realçamos o facto que a similitude dos regimes políticos liderados por António de Oliveira Salazar e Getúlio Vargas, aliados a um relacionamento diplomático próspero nesse período, permitiu a conquista de vantagens excecionais para os nacionais portugueses no Brasil.

**A emigração portuguesa voltou a crescer nos anos 60. Aqui já com outros destinos?**

Sim, após o fim da II Guerra mundial, o sistema mundial era estruturalmente diferente daquele que havia permitido a existência dos regimes de Estado Novo (quer em Portugal, quer no Brasil).

Em primeiro lugar, o regime de Getúlio Vargas chega ao seu fim, sendo implementada a Quarta República liderada por Eurico Gaspar Dutra. O Brasil altera as suas prioridades da política externa para consolidar o seu posicionamento no continente americano (e como Aliado dos Estados Unidos da América). Embora Getúlio Vargas consiga regressar ao poder em 1950, esse período será muito conturbado, dada a crise interna do Brasil.

Em segundo lugar, a mudança do sistema internacional e os valores que o passaram a alicerçar não foram acompanhados pelo regime salazarista,



## “Os jovens têm de acreditar que as suas qualificações podem ser aproveitadas nas suas terras natal.”

o qual ficará gradualmente isolado ao nível internacional por diversas razões (desde a sua recusa para promover a descolonização, bem como pela radicalização do seu posicionamento internacional e atuação interna de controlo e repressão).

Perante esta conjuntura, o Brasil deixa de ser uma opção viável para os portugueses que queriam sair do território nacional (ou por perseguição política, ou por descontentamento em relação às condições económico-sociais, ou mesmo para fugirem à guerra do Ultramar). A solução para estas novas vagas migratórias será o continente europeu, pois seria muito mais fácil sair do país por via terrestre do que por via marítima.

A partir da década de 1960, os emigrantes portugueses vão, então, emigrar (legalmente, mas muitos também de forma ilegal) para países como a França ou a República Federal Alemã, ou mesmo até para o Reino Unido.

### Em França, onde residem milhares de portugueses assistimos hoje à retoma da emigração, há justificações?

Quando alguém toma a decisão de emigrar, não o faz de ânimo leve e nessa decisão pesam vários critérios. Sabermos que existe algum tipo de apoio ou, pelo menos, uma comunidade portuguesa já estabelecida e consolidada num território, assegura aos novos migrantes uma sensação de rede de segurança à nova aventura que vão iniciar.

França, desde a década de 1960 é um dos principais destinos das vagas migratórias portuguesas (sejam elas permanentes, sejam elas sazonais) e muitos dos novos migrantes escolhem esse destino, não só por questões económicas, mas também por laços de afeto e familiares com gerações de migrantes mais antigas.

Além disso, a mobilidade de cidadãos, dentro do espaço da União Europeia, está, atualmente, muito facilitada, sendo um dos direitos fundamentais da cidadania europeia a livre circulação de trabalhadores e estudantes e de todos aqueles que queiram residir noutro Estado-membro que não o da sua nacionalidade originária. Por isso, é muito mais fácil escolher outro país para estudar, trabalhar ou apenas viajar.

### Os benefícios económicos e financeiros que resultam das remessas dos emigrantes, são bem visíveis em pequenos negócios e construção. Contudo são bastante assimétricos, prejudicando por norma as regiões mais pobres e que, curiosamente, são muitas vezes as que mais contribuem para a emigração?

As remessas dos emigrantes sempre foram essenciais para a estabilidade da Balança de Pagamentos portuguesa. Por exemplo, no período entre 1930 e 1940 essas remessas foram um dos alicerces para que as contas do Estado (Estado Novo) comessem a apresentar saldos positivos, permitindo a criação de manufaturas em várias áreas (como por exemplo os lanifícios).

Contudo, essas remessas só serão efetivas se os migrantes acreditarem que existem vantagens no envio do lucro do seu trabalho para o seu país de origem, em vez de manterem essa liquidez nos países onde se estabeleceram.

Além disso, nem todos os emigrantes atuais têm o sonho de regressar à sua terra natal, construindo a sua casa para a velhice, como era habitual há 3 ou 4 décadas atrás. Muitos deles optam por nunca voltar definitivamente, pois é mais importante ficarem junto dos seus descendentes, que, entretanto, criaram raízes nessas comunidades.

Finalmente, quero ainda realçar que o desenvolvimento dos territórios do interior tem de passar, em primeiro lugar, pela implementação de estra-



**“(...) o desenvolvimento dos territórios do interior tem de passar, em primeiro lugar, pela implementação de estratégias estruturais públicas de desenvolvimento e diferenciação desses”**



tégias estruturais públicas de desenvolvimento e diferenciação desses territórios. Ou seja, o investimento concertado público será o melhor mecanismo para convencer e atrair o investimento privado. Ninguém investirá num local no qual não tenha a certeza que estão criadas as sinergias necessárias para o desenvolvimento.

### Encarar a emigração numa estrita visão economicista é um erro?

Na minha perspetiva, sim. O fator económico é crucial, mas nem todos os indivíduos emigram apenas por questões económicas. A formação e qualificação, a busca de reconhecimento na sua área de formação ou profissional, entre outras, são também razões muito importantes que estão na base da decisão de emigrar.

### Temos linhas de ação para diminuir as assimetrias de desenvolvimento. Podemos considerar este atraso motivo para a emigração?

Apesar de todas as políticas que têm sido desenvolvidas, quer ao nível da União Europeia, quer ao nível nacional, em busca do desenvolvimento dos territórios do interior, não creio que estejamos já em condições de afirmar que tudo está preparado para eliminar essas assimetrias. Todavia, existem muito bons exemplos em concelhos do interior, onde projetos de parceria entre a administração pública e organizações privadas têm-se tornados em pontos de atração de novos investimentos, de novos residentes e de melhoria da qualidade de vida para essas comunidades. Se conseguirmos desenvolver mais projetos desse género (benefícios fiscais para empresas e trabalhadores; melhoria dos equipamentos públicos ao serviço da comunidade; serviços culturais; etc.), facilmente atrairemos novos investidores, demonstrando às novas gerações que poderão fixar-se nessas comunidades com iguais oportunidades daquelas existentes nas grandes metrópoles e com uma melhor qualidade de vida, no que diz respeito ao trânsito, à carestia do alojamento, entre outras situações. Os jovens têm de acreditar que as suas qualificações podem ser aproveitadas nas suas terras natal.

### A livre circulação na União Europeia trouxe também uma emigração sazonal. Pessoas que saem destas Terras para ir trabalhar nove meses, nas campanhas agrícolas e depois regressam. A ruralidade explica esta opção?

Penso que a emigração sazonal não pode ser diretamente relacionada com a ideia da ruralidade, mas sim com a sazonalidade deste tipo de trabalho e com as baixas qualificações da mão-de-obra.

Existem muitos fatores que contribuem para que os nacionais optem por participar nas campanhas agrícolas noutros países. Embora haja muita oferta de trabalho na área agrícola na nossa região, as pessoas preferem participar nessas campanhas, porque, na maioria dos casos, esse trabalho é mais bem remunerado do que em Portugal. Mas, depois, o nosso país tem de recorrer a imigrantes de outras nacionalidades para conseguir concluir as tarefas.

Como na maioria dos casos as tarefas relacionadas com o setor agrícola não exigem quaisquer tipos de qualificações, a mão-de-obra portuguesa vai para onde consegue ganhar mais, pelo mesmo tempo de trabalho. Mas tal situação só lhes compensa porque regressam para Portugal, onde o nível de vida é menos dispendioso.

Na União Europeia caminhamos a passos largos para a nivelção das qualificações e todos os cidadãos têm de vencer-se da extrema importância de se qualificarem e de terem, de alguma forma, as suas qualificações e competências devidamente reconhecidas em todo o espaço comunitário.

### O que tem de mudar no país, e sobretudo no Interior para haver mais oportunidades e inverter a sangria demográfica?

Já existem diversas estratégias nesse sentido, desde o ensino, ao mercado do trabalho. Por exemplo, os estudantes do litoral que optem por estudar no interior podem receber uma bolsa extraordinária. Outro exemplo é o de alguns municípios reduzirem ou eliminarem taxas e impostos para atrair mais investimento. Além disso, ao nível do financiamento público, normalmente as regiões menos desenvolvidas do interior têm acesso a orçamentos muito mais alargados que as zonas mais desenvolvidas do litoral.

## “A qualidade de vida nos territórios do interior é impagável.”



Por isso, o que é necessário mudar é a mentalidade das pessoas que continuam a acreditar que apenas terão boas condições de vida nos grandes centros urbanos. Bem pelo contrário! A qualidade de vida nos territórios do interior é impagável. E há ainda tantas oportunidades de negócio que podem ser reforçadas, desde os serviços ligados ao turismo e património, até à agricultura.

### Assistimos também à chegada a esta região de imigrantes. Além de vermos escolas a abrirem e movimento, haverá aqui aproximação de culturas e um crescimento de pertença a estas pequenas aldeias?

Também para isso existem diversas políticas de apoio à efetiva integração e inclusão dos imigrantes. Apesar de eventuais e pontuais focos de alguma segregação (não quero acreditar que um povo que sempre emigrou e necessitou de ir para estrangeiro para melhorar a sua vida possa ser racista ou xenófobo), considero que a solidariedade portuguesa fala sempre mais alto. E nós precisamos deles! São eles normalmente que aceitam aqueles trabalhos que os portugueses não querem fazer e, tal como os portugueses se sujeitam a fazer tudo no estrangeiro, também

estes imigrantes se sujeitam a qualquer trabalho, independentemente das suas qualificações. Ainda há pouco tempo, conheci uma refugiada síria que conseguiu trabalho com auxiliar de serviços gerais numa IPSS e no seu país era juíza.

Sobre esta situação quero também reforçar a ideia que o Estado português não está a retirar apoios sociais aos portugueses para dar aos estrangeiros. O apoio aos refugiados e asilados vem essencialmente do orçamento da União Europeia.

O que nós temos de fazer é, contudo, ter a certeza que temos as condições necessárias para toda a comunidade nacional e migrante (ao nível da saúde, justiça, emprego, etc.) e não criamos ghettos sociais (tal como aconteceu em França e que conduziu a consequências desastrosas). Estou ciente que há muitas dificuldades em todos os níveis sociais que referi, mas eles não foram causados pelos imigrantes. Em vez de, tal como alguns grupos, propagarmos um discurso racista, nacionalista e xenófobo, seria importante percebermos que a boa integração dos migrantes permite que também eles contribuam de forma ativa para o crescimento económico de cada região.

Nós já vivemos numa aldeia global há muito tempo. Só não nos tínhamos apercebido disso. — (b) 35

# Torrão Natal

**Texto:** Jorge P. Lages in 'Rimas de Outrora',  
- primeiros versos (1942) edição de 1995

Bendito sejas, meu torrão idolatrado,  
Cujos encantos meus olhos viram primeiro  
E, onde, entre fogos - fátuos, no teu chão sagrado  
Quero dormir meu sono eterno e derradeiro!...

Sorri a Natureza...É Primavera...  
Dos ninhos rompe melodia infinda  
Brotam lírios...abre a rosa linda  
Tudo semelha um sonho...uma quimera

Andam sons e harmonias na atmosfera...  
Luz, pulcritude e graça que não finda...  
Graça tal que quem nunca a viu ainda  
Se lá dos céus a olhasse cá viera...

Os montes tornam-se uma grande flor...  
O céu é azul...A noite mais de amor...  
E os corações exultam de alegria...

A Natureza inteira ressuscita...  
E os Seres vivos...todos...e à compita  
Entram na GRANDE FESTA, em sintonia...

**“Integrei-me muito bem,  
fiz por isso”**

**Acácio Salvador e Isabel Martinho Lopes,  
os dois com 70 anos, 2 filhos e 3 netos**

É Sábado e Acácio anda num vai e vem. De volta da horta, do jardim, na companhia de Isabel.

Acabado o serviço militar obrigatório, em 1977, “pediu autorização, naquele tempo, acabada a tropa, tínhamos que ficar por cá ainda dois anos” e fez-se além Pirenéus. Breve paragem em França e Genebra, na Suíça, ditou a sorte da vida.

“Foi há 41 anos, ele foi em Março, eu segui em Maio”, diz Isabel.

Os pais de Acácio tinham estado nove anos na Alemanha” e apesar de “vivermos bem”, resolveu partir.

“Um gajo vai daqui de táxi, sempre com o Mário Paiva a olhar, duas malas atadas com cordão e estação com eles”.

Nas mãos, “a carta de um primo, pedreiro” de profissão. Ele também foi pedreiro. “Depois fui ajudante de jardineiro e fiz-me menuiserie, marceneiro”, conta, com o francês ainda solto na ponta da língua.

Mas nem sempre foi assim. “A chegada foi complicada, não os compreendia, nem sabia escrever francês”. Foi à escola suíça “para aprender, integrei-me muito bem, fiz por isso”, reconhece.

Na Suíça, “naquele tempo, estavam muitos italianos, que nos manipulavam e espanhóis, depois é que começaram a chegar os portugueses”, recorda Isabel.

Nunca viu “xenofobia. Ainda agora quando em Lisboa os puseram todos em fila, na Suíça foi igual, éramos obrigados a ir a uma junta médica, faziam-nos uma radiografia aos pulmões e só depois podíamos trabalhar”. Passados estes anos, a mesma leitura: “aquilo não era discriminação”.

Regressa ao Touro, “mais cedo do que o previsto”, compra uma licença de táxi e estabelece um carro de praça. “Tive um acidente com o táxi, foi uma luz para lá ficar”, desabafa. Esteve internado nos Hospitais da Universidade de Coimbra e decide regressar. Vendeu a licença do táxi e ficou na Suíça “até à reforma, aos 62 anos”.

Acabou a vida profissional na jardinagem. Hoje recorda, “para quem partiu com “a 4ª classe, foi difícil, os de hoje sabem ao que vão”.

Na Suíça ficaram filhos e netos: “só regressámos nós”. Mas volta ao país “uma a duas vezes por ano, para ver a família”. — **(b)**

# “Fugimos assim, com duas malas na mão”

Maria Conceição, 78 anos 3 filhos e 3 netos

Cedo, Maria Conceição partiu a ver o mundo. Deixou o Touro e as Terras do Demo e partiu além-mar, para Angola.

“Quando fiz dezoito anos parti para Malange, em Angola”.

Em África, Maria e o marido tinham um “pequeno comércio, era viver e poupar alguma coisa e eramos todos amigos, pretos e brancos brincavam num jardim, juntos”.

Casou em Malange, onde nasceu um dos filhos. “O outro já nasceu em Portugal”, diz. E lembra a casa, “grande, com um jardim e todos juntos a trabalhar”.

O idílio tropical tropeça na guerra e na descolonização. A vida desarranja-se.

“Tivemos de fugir, ouviam-se morteiros, a casa a estremecer, a situação muito malparada e fugimos assim, com duas malas na mão. Tudo lá ficou”, lamenta.

“Nem o dinheiro do banco nos deixaram tirar”.

Regressar ao Touro “foi difícil, tivemos de nos habituar a tudo, nunca fomos agricultores”. Tornaram-se semeadores. “Pedimos umas vacas emprestadas para cuidar das terras, semeadas, amanhadas, uns ajudaram outros e a vida lá se endireitou”.

Saudades de África? “Sim, muitas”, diz no aconchego da casa que reconstruiu.

“Era a casa dos meus sogros e chovia dentro como na rua”, atira. A casa “começou a ficar bonita, comprámos duas paredes, juntámos à casa que já tínhamos e assim vivemos nos primeiros tempos, nem portas, tábuas nas janelas, o frio a vir do teto e lá se viveu”.

Voltar a África?

“Não quero voltar e ver tudo destruído, antes gostava que me dessem o que lá tinha, deixámos lá tudo, o recomeço foi muito difícil”, desabafa.

Já de África, “foram catorze anos, uma boa vida”.

E a vida no Touro? “Cá nos arranjámos, vivemos com as terras e fez-se vida”. —b

**“Pedimos umas vacas emprestadas para cuidar das terras, (..) uns ajudaram outros e a vida lá se endireitou”**

Burel, a revista do Touro (magazine da Freguesia do Touro) é uma publicação de informação institucional, semestral, editada e produzido pela Junta de Freguesia do Touro.

Tem âmbito universal, ao servir de veículo de comunicação institucional da Freguesia. Por isso é dirigida pelo Presidente em funções, que tem consultadoria para cumprir com esses desígnios, no respeito pelo pluralismo democrático. E não renega, antes louva e elege, a geografia e as Terras do Demo como pertença.

Queremos dirigir-nos ao conjunto da população, que vive e trabalha na Freguesia, que a ela tem ligações ou por ela sente afinidade, dedicando atenção à informação local, tendo em conta as tradições, a diversidade e a evolução contínua da Freguesia. Progresso com tradição e origem.

O conteúdo é definido com profissionalismo, rigor, espírito crítico e honestidade intelectual. O objetivo primacial é divulgar as informações pertinentes para o conhecimento da Freguesia, enquanto local de vivência e usufruto.

Tem edição semestral, sempre dedicada a um tema que integre as vivências da freguesia e que sirva para nos erigir numa identidade comum, a das Gentes do Touro, terra de Boa Sorte, e tem por lema “Terra fértil, gado e caça”, no feliz desígnio do Cônego Fonseca da Gama. Não renegamos quem somos, nem recusamos futuro que não possamos alcançar. Por isso se destina a todos os Tourenses, os que vivem na Freguesia e os da diáspora, os que por cá passam e os que por cá ficam. E os que cá voltam.

**“A Estatística estuda as causas,  
as causas dessa depressão  
demográfica, que foi geral  
em quase todo o país:  
a grave crise económica de 1890  
que provocou larga emigração;  
a inquietação provocada  
pelas alterações políticas,  
que agravou a outra crise.”**

CÓNEGO FONSECA DA GAMA

ADOMINGUEIROS  
AVESSEIRA  
CERDEIRA  
LAGE GORDA  
PÓVOA  
TOURO  
VIDUINHO

---

JUNTA DE FREGUESIA DE TOURO  
R. Cónego Alfredo Ferreira Morais Martins  
TOURO

E.: [freguesiadotouro@hotmail.com](mailto:freguesiadotouro@hotmail.com)  
T.: 232 602 304



**Touro.** Para ver e viver.